

DOSSIÊ

Investigações sobre linguagem, interação, discurso e letramento

PROPONENTE

DRA. ALINNE SANTANA FERREIRA

Este dossiê é composto por 04 artigos produzidos a partir de pesquisas que envolvem temas relacionados às práticas sociais nas quais a linguagem é produzida. Assim, serão apresentados artigos que estudam temas voltados (1) ao ensino da língua portuguesa baseado na leitura/produção de gêneros textuais; (2) aos discursos sobre letramento no contexto escolar; (3) a questões relacionadas à coloquialidade em interações sociais e (4) às práticas discursivas presentes em campanhas publicitárias com crianças. Dessa forma, pretendemos, com esse conjunto de estudos, abordar as principais teorias relacionadas à linguagem, interação, discurso e letramento.

- **COLOQUIALIDADE EM INTERAÇÃO: RELATOS DE VIDA DE MULHERES UNIVERSITÁRIAS**
Alinne Santana Ferreir, Adriane Mendes Souza
- **CRIANÇAS NA PUBLICIDADE: ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DA REPRESENTAÇÃO DE CRIANÇAS EM TEXTOS PUBLICITÁRIOS MULTIMODAIS**
Regysane Botelho Cutrim Alves
- **SOBRE O “SABER LER” E O “SABER ESCREVER”: DISCURSOS DE LETRAMENTO DE ESTUDANTES DO ENSINO TÉCNICO**
Alinne Santana Ferreira, Regysane Botelho Cutrim Alves
- **GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DA LÍNGUA: EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO FUNDAMENTAL DO DISTRITO FEDERAL**
Adriane Mendes de Souza,
Keyla Gonçalves de Lima Lacerda

Autoras | Authors

Alinne Santana Ferreira*
linne.one@gmail.com

Adriane Mendes Souza**
adrimendes@hotmail.com

COLOQUIALIDADE EM INTERAÇÃO: RELATOS DE VIDA DE MULHERES UNIVERSITÁRIAS**COLLOQUIALISM IN INTERACTION: LIFE STORIES OF COLLEGE WOMEN**

Resumo: Neste artigo, apresentaremos breve estudo-piloto sobre as marcas de coloquialidade presentes na interação de seis alunas do curso de Letras oferecido pelo Instituto Federal de Brasília – *Campus* São Sebastião. Os dados foram gerados por meio de pesquisa qualitativa, com orientações etnográficas. Realizamos um grupo focal com temática que direcionava à construção de relatos da vida pessoal pelas colaboradoras. Nossa análise de dados considerou os traços linguísticos e os traços extralinguísticos marcadores da coloquialidade, pois se trata de pesquisa cujo arsenal teórico é fundamentado pela Sociolinguística Interacional, pela Análise da Conversação e pela Linguística Descritiva e Funcionalista. Desse modo, os dados foram analisados não apenas nos aspectos linguísticos, mas também nos extralinguísticos, para que pudéssemos interpretá-los considerando os aspectos interacionais e discursivos. Os resultados sugerem que os traços de coloquialidade encontrados nas falas das colaboradoras estão relacionados ao gênero discursivo de relato de vida proposto naquele grupo focal.

Palavras-chave: Coloquialidade, Interação Social, Oralidade.

Abstract: In this article, we present a brief pilot study of traces of colloquialism present in the interaction of six students of the Portuguese Language and Literature course offered by the Instituto Federal de Brasília – *Campus* São Sebastião. The data were generated by means of a qualitative research with ethnographic guidelines. We conducted a focus group with a theme that has directed the construction of personal life stories by the collaborators. Our data analysis considered linguistic and extralinguistic features that mark the colloquialism, because the theoretical arsenal of this research is based on the Interactional Sociolinguistics, Conversation Analysis, and Functionalist and Descriptive Linguistics. Thus, data were analyzed including both linguistic and extralinguistic aspects, to make it possible to interpret them considering interactional and discursive aspects. The results suggest that the traces of colloquialism found in the collaborators speech are related to the discursive genre of life stories proposed in that focus group.

Keywords: Colloquialism, Social Interaction, Orality.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende refletir sobre como o estilo coloquial se constrói nas interações informais que ocorrem em ambientes acadêmicos, buscando revelar as marcas linguísticas e discursivas que constituem a coloquialidade em

DOSSIÊ

Investigações sobre linguagem, interação, discurso e letramento

Proponente

Dra. Alinne Santana Ferreira

Aceito em: 14/01/2018

Recebido em: 19/07/2017

relatos de vida. Para que isso fosse possível, os dados foram gerados por meio da realização de grupo focal.

Entendemos que os estudos sociolinguísticos sobre variação linguística possuem muitas produções acadêmicas no Brasil, e os estudos sobre a coloquialidade, que derivam dessa área de pesquisa, estão mais relacionados a análises macrosociais, cujos dados são coletados e analisados à luz das metodologias próprias à Sociolinguística Variacionista.

Esta pesquisa-piloto, todavia, realizará microanálise dos dados gerados por meio de grupo focal e, por essa razão, situa-se no campo teórico da Sociolinguística Interacional. Os estudos interacionais investigam a natureza social da língua, uma vez que ela precisa ser estudada dentro das práticas sociais de determinada cultura. Os estudos de Goffman ([1964] 2002) revelam que as investigações afiliadas a essa disciplina procuram analisar as situações sociais em que as trocas verbais acontecem.

Do mesmo modo, Gumperz (2003, p. 07) propõe uma investigação sociolinguística e pragmática que se ocupe em compreender os processos sociais. Por isso, a Sociolinguística Interacional entende a língua como ação social e defendemos que as pesquisas filiadas a essa disciplina devem ser realizadas por meio de metodologias qualitativas com orientações etnográficas, como nesta pesquisa, em que a investigação de situação social contextualizada revelará as marcas linguísticas e extralinguísticas que delineiam a coloquialidade no contexto de pesquisa.

Nesse sentido, entendemos a coloquialidade como um menor monitoramento da fala, devido à diminuição da pressão comunicativa contextual. Conforme Bortoni-Ricardo (2005, p. 41),

se o falante tiver um maior grau de apoio contextual, bem como maior familiaridade com a tarefa comunicativa, poderá desempenhar-se no estilo monitorado com menor pressão comunicativa. A pressão comunicativa aumenta quando o apoio contextual é menor e a temática, mais complexa.

Corroborando com essas ideias, Briz (2000, p. 30) nos ensina “que o discurso coloquial está fortemente submetido ao contexto, e que muitos fenômenos linguísticos coloquiais se explicam desse modo”¹. Assim, trataremos a coloquialidade não como uma variação estática que se relaciona a um determinado grupo social, mas como um fenômeno que se atualiza, contextualmente, diante do grau de pressão comunicativa a que os interagentes estão expostos. Para compreendemos o contexto

interacional em que o grupo focal foi realizado, apresentaremos as colaboradoras de pesquisa envolvidas neste estudo.

As protagonistas desta pesquisa foram seis alunas da Licenciatura em Letras – Português do Instituto Federal de Brasília – *Campus* São Sebastião, região administrativa do Distrito Federal. Em razão de o assunto a ser abordado no grupo focal versar sobre maternidade e vida acadêmica, o convite para a participação nessa atividade foi direcionado às alunas do primeiro semestre do curso de Letras que já fossem mães ou que estivessem esperando bebê.

As alunas que colaboraram com esta pesquisa estavam na faixa etária de 25 a 45 anos de idade. Todas cursavam segundo semestre do curso de Letras – Português e ingressaram no ensino superior no primeiro semestre de 2014, tendo como critério de seleção a nota no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio.

Das seis colaboradoras, quatro delas moram em São Sebastião, e as outras duas moram no Paranoá, regiões administrativas que se localizam nas redondezas do *Campus*. Cinco delas já são mães e uma era gestante, com parto previsto para janeiro de 2015.

Todas as participantes da pesquisa ingressaram no ensino superior muitos anos após o término do Ensino Médio e sempre relatavam a uma das pesquisadoras, que era professora da turma, as dificuldades enfrentadas para conciliar família, filhos, serviços domésticos e as demandas das disciplinas que cursavam.

Por essa razão, definimos esse tema para conduzir o grupo focal, pois era discussão bastante familiar à realidade das alunas no momento em que a interação foi realizada.

O tópico iniciador do grupo focal foi “Como conciliar maternidade com a vida acadêmica?”, e essa escolha se relaciona à estratégia das pesquisadoras em propor um tema que gerasse debate e garantisse maior participação das interagentes.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa-piloto se enquadra na perspectiva da Sociolinguística Interacional com orientação metodológica da etnografia, pois se propõe a analisar o estilo coloquial por meio de grupo focal, técnica muito utilizada em pesquisas qualitativas.

O grupo focal é uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio de interações grupais ao se discutir determinado assunto sugerido pelo pesquisador (MORGAN, 1977). No grupo focal, a interação é mais autêntica do que aquelas que acontecem em entrevistas, pois as representações são construídas pela natureza social da interação entre os participantes ao

1 Tradução própria.

invés de se alicerçarem em um viés individualista (GASKELL, 2013, p. 65).

Barbour (2009, p. 44) afirma que os grupos focais propiciam aos colaboradores a oportunidade de, por meio da interação face a face, refletirem acerca de questões normalmente não levantadas, principalmente se “os grupos forem convocados para refletir sobre algum atributo ou experiência”. Assim, as participantes deste grupo² foram convidadas a relatar suas experiências familiares, o que fez com que a conversa entre elas começasse a fluir depois de, aproximadamente, cinco a dez minutos da interação gravada.

Barbour (2009, p. 21) entende que o pesquisador deve oferecer “estímulo ativo” para interação dos participantes do grupo focal entre si, evitando que eles olhem para o pesquisador. Por essa razão, durante o grupo focal, as pesquisadoras agiram de modo que pudessem assumir, naquele contexto, o papel de moderadoras da discussão.

A interação desse grupo focal teve duração total de 51 minutos e 24 segundos. A interação foi filmada, e o arquivo, convertido para o formato MP4. O áudio foi analisado pelas pesquisadoras por meio de transcrição das falas, que seguiu as convenções de transcrição embasadas em Gumperz (1982a e 1982b) e Marcuschi (2007).

PARÂMETROS PARA ANÁLISE DOS DADOS

Serão apontados aqui alguns parâmetros que guiarão nossa análise a respeito da coloquialidade no grupo focal gravado. Por meio de revisão teórica, que será discutida ao longo da análise dos dados gerados, apresentaremos os traços linguísticos e extralinguísticos/discursivos que marcaram o estilo de fala coloquial na interação gravada.

As relações anafóricas e dêiticas

Marcuschi (2006, p. 201) apresenta estudo a respeito da construção anafórica esquemática ou indireta. Trata-se de uma anáfora sem referência direta cujas características incluem aspectos morfosintáticos, semânticos, cognitivos e pragmáticos, os quais constituem fenômeno que, segundo o autor, “é um

2 Por se tratar de uma pesquisa-piloto, não foi aberto processo no comitê de ética da Universidade de Brasília; porém, todos os procedimentos referentes a pesquisas com seres humanos foram seguidos. Deste modo, as colaboradoras de pesquisa foram avisadas que a interação seria filmada e assinaram o Termo de Cessão de Direito de Uso da Imagem (TCDUI), bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além de permitirem que seus próprios nomes fossem utilizados.

caso particular de funcionamento discursivo essencialmente ligado à enunciação” (MARCUSCHI, 2006, p. 201). Nesse tipo de anáfora, o referente é encontrado não no texto, mas sim no *co-texto*, conforme afirma esse autor.

Koch (2011, p. 107) corrobora o ensinamento de Marcuschi (2006) e nomeia esse tipo de anáfora como indireta. Conforme a autora, ela é assim caracterizada por não possuir um antecedente explícito no *co-texto*. Contudo, possui elementos de correlação, denominados de **âncora** (cf. Marcuschi, 2001). Esses elementos são formas nominais ativadas por processos cognitivos de inferenciação, que “permitem a mobilização de conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores”. (KOCH, 2011, p. 107)

Excerto 01³

- 105 **Sirlene:** /.../ Quando eu chego em casa é muita cobrança.
 106 Tem dia que não dá pra **você** estudar, não dá para **você** fazer
 107 suas tarefa. Tem dia que **eles** não têm... **Você** procura um
 108 canto pra **você** ler e não tem ((gesticulando como quem está
 109 indignada)). Porque em cada canto **eles** acham de ligar algu-
 110 ma coisa ou de tá ali
 111 [Elen: Meu Deus você, ontem eu tava tentando ler e não
 112 conseguia... porque chegava **um**: “mãe, não sei **o quê**, não sei
 113 **o quê**. Sirlene, não sei o quê, não sei o quê”. E assim, **você** tem
 114 que parar pra **você** dar atenção. Porque, se **você** não parar
 115 pra dar atenção, aí já vai falar: “não, que agora **você** não tá
 116 dando atenção”
 117 [Elen: o pior é isso.
 118 Sirlene: porque agora **você** só pensa nos seus estudos. **Você**
 é egoísta, **você** só pensa em **você**. Então **você** tem que se des-
 dobrar. Tem, assim, que conciliar mesmo... tem que ser uma
 guerreira para poder conciliar os estudos com os filhos...

Esse tipo de referenciação foi observado na fala de uma das colaboradoras de pesquisa por causa do uso do pronome de terceira pessoa *eles* e do *você*, nomeado pela gramática normativa como pronome de tratamento, mas que já possui uso consagrado como pronome pessoal referente à pessoa do discurso. Desse modo, os pronomes *ele* e *você*, bem como *um* (linha

3 Os excertos constituem recortes da interação gravada e transcrita pelas pesquisadoras. Desse modo, as numerações encontram-se na posição em que o trecho selecionado aparece na transcrição. Por essa razão, os excertos não possuirão, neste artigo, numeração sequencial.

110), que, no presente contexto, possui característica pronominal, apresentam funções de *dêixis de pessoa*, pois remetem a pessoas que fazem parte do discurso (filhos, esposo, a própria interlocutora e suas colegas) (CASTILHO, 2010, p. 476).

Na sequência, há ainda discurso relatado quando, nas linhas 110 e 111, a colaboradora recorre à seleção de sintagma impreciso – *não sei o quê* – para narrar a interação com terceiros. Esses marcadores conversacionais denotam informalidade no relato. Para Marcuschi (2007, p. 146) o discurso relatado em textos narrativos é presença recorrente, não apenas como recurso estilístico, mas como estratégia para interpretar e avaliar opiniões alheias, como se pode observar na linha 116, em que a colaboradora revela ser avaliada por terceiros como *egoísta* por dedicar parte de seu tempo familiar aos seus estudos e à sua formação acadêmica.

O uso do *você*, por exemplo, constitui *dêixis de pessoa* com construção textual anafórica indireta, pois o sentido do *você*, tão utilizado pela colaboradora, é construído no contexto, ficando bem evidente que essa expressão indefinida se refere às interagentes presentes no grupo focal, que são inseridas no discurso como forma de a colaboradora chamar a atenção das colegas presentes para seu relato. Isso constitui estratégia de envolvimento entre as interagentes, que será pormenorizada no item 3.7.

Outro aspecto linguístico a ser considerado no uso do pronome *você* é um dos fenômenos de gramaticalização apresentado nos estudos funcionalistas de Lehmann ([1982] 2002, p. 124) e exemplificado por Sousa (2012, p. 84), em seu estudo variacionista sobre o pronome *você*. Para Sousa (2012), quando há disputa do pronome *você* com outros pronomes pessoais, ele se torna aquele de uso mais produtivo em contextos coloquiais, pois é utilizado inúmeras vezes num mesmo enunciado, além de ser empregado para substituir outros pronomes. Pudemos observar que o pronome *você* também foi utilizado, no excerto 01, como substitutivo do pronome de primeira pessoa. Nesse contexto, quando a colaboradora Sirlene afirma que “não dá para **você** estudar /.../ não dá para fazer **suas** tarefa” (linhas 105 e 106), ela também se insere, na verdade, no discurso, ou seja, a colaboradora não consegue estudar e fazer suas tarefas. A mesma situação se repete nas linhas 106, 107, 111, 112, 113 e 116.

Desse modo, percebemos que os pronomes presentes nas construções linguísticas em análise possuíam função referencial, manifestando-se por meio de *dêixis de pessoa* quando foi possível relacioná-los a pessoas presentes no discurso e de *anáfora indireta*, pois as interagentes e as pesquisadoras só conse-

guiram relacionar os pronomes com as pessoas do discurso em razão de estarem inseridas no contexto conversacional.

Por isso, entendemos que as inferências só podem ser feitas no contexto da interação, pois algumas expressões referenciais só constroem sentido se os interagentes tiverem elementos contextuais para compreensão do texto oral. Ou seja, as anáforas indiretas passaram para o *status* de *dêixis de pessoa*, pois as interagentes ofereciam, a todo tempo, informações contextuais que contribuíram para a compreensão mútua entre si. Portanto, fica evidente que, quando o discurso é tecido em situações informais, os significados são compartilhados de maneira muito mais dinâmica – o que Gívon (2012, p. 300) nomeia de “conhecimento pragmático geral compartilhado” presente na fala informal, quando os contextos tendem a ser “muito mais imediatamente óbvios”, pois os interagentes precisam, no aqui-e-agora, criar condições para que haja compreensão entre as partes.

A fala da colaboradora Ellen, no excerto 02, também constitui exemplo de anáfora indireta construída, naquele contexto, por elementos paralinguísticos. A utilização da palavra *presente* revela como alguns referentes são assinalados e compreendidos somente no contexto interacional.

Excerto 02

259 **Ellen:** /.../ acostumada com a escola, era muita leitura pra
260 conciliar com trabalho, com marido, com casa. Até então,
261 mamãe não tinha o **presente** que ela tem ((olhando e apontando para a barriga))

Comumente, para que o texto oral tenha eficiência produtiva, os interlocutores necessitam da colaboração de seus interagentes e de suporte contextual, de pistas não verbais, de traços prosódicos e de elementos proxêmicos. Esses elementos marcam sinais que são culturalmente construídos e convencionalizados e servem como *pistas de contextualização*. Para Gumperz (1982), as pistas de contextualização se referem a sinais linguísticos, verbalizados ou não, que levam os participantes a negociarem significados em determinado contexto interacional. As pistas de contextualização constituem, portanto, quaisquer recursos linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a construção de pressuposições contextuais.

Fávero (1999, p. 39) destaca a essencialidade contextual para a construção dos textos orais, pois o contexto auxilia a estabelecer a coerência do texto para os locutores, os quais, “por possuírem um conhecimento partilhado, sabem perfei-

tamente qual o tópico discursivo em andamento e interagem perfeitamente”.

A expressão nominal *presente* se refere, portanto, ao filho que a participante da pesquisa estava esperando. Somente quem estava participando do grupo focal, ou quem sabia que a colaboradora era gestante, poderia inferir o sentido de *presente* naquele contexto. Trata-se, portanto, de outro exemplo de anáfora indireta que passa a ser compreendida pelas interagentes pelo fato de compartilharem o mesmo enquadramento interativo.

A escolha lexical das gírias

Por mais que conseguissem atingir um nível bastante informal durante a gravação, as colaboradoras da pesquisa estavam inseridas em contexto acadêmico. Isso as levou a monitorar mais a fala. Houve ocorrência de gírias, mas não de maneira excessiva. Todas as ocorrências estão apresentadas nos excertos abaixo:

Excerto 03

06 Ítalla Jerônimo: Eu sou uma mãe bem louca, véi. ((risos de todas presentes))

Excerto 04

443 Ellen: /.../ então, eu me sentia revoltada com aquilo: “**poxa** vida, o **cara** escolheu ficar com o IFB?”

Excerto 05

510 Ellen: /.../ **Puxa**, fulano tá crescendo na vida, e eu tô aqui.

Excerto 06

543 Ellen: /.../ Que ela faz inglês, né, que é concorrido pra **cacete**.
 544 **Aí**, eu falei/**desculpa professora** ((levando a mão à boca))
 545 [Pesquisadora: Po::de falar
 546 ((risos de todas))
 /.../
 549 E ela “cê faz o quê? É aqueles cursos de três meses?” **Aí** eu:
 550 “Não, Letras”. **Aí** ela: “**Ai**, que **merda!**” ((risos de todas)) Tipo
 551 “**Ai** que ódio, ela conseguiu e eu não consegui”. ((risos)) **Sério**,
 552 **aí** ela falou “**Ai**, que **mer-da**” ((olhando para Lila)) “Você con-
 553 seguiu Letras. () Como?” () “Fazendo ENEM... Você conse-
 554 gue também”. **Aí** ela saiu assim... Brigando, xingando sozi-
 nha, né. E eu fiquei rindo. **Caramba!** Realmente, o negócio é disputado mesmo.

A utilização de gíria ou de termo não polido, como *cacete*, por exemplo, reflete a coloquialidade utilizada em práticas diárias, presente na linguagem das colaboradoras. Além disso, o riso generalizado das interagentes revela, no contexto em questão, traço de identidade partilhada e de filiação representativa comum. Isto é, não houve estranhamento do emprego lexical, porque as interagentes viram-se representadas pragmaticamente por esse uso, como ocorreu no excerto 03, quando a colaboradora disse *véi*, gíria urbana e habitual entre os moradores do Distrito Federal.

Brown & Levinson (1987, p. 112) revelam que, em interação, aspectos proxêmicos de aproximação ou de distanciamento do interlocutor são marcas identitárias expressas discursivamente por marcadores de deferência, linguagem de grupo ou dialeto, jargão, gíria e elipse. Além das gírias, outros marcadores de coloquialidade são verificados nos excertos apresentados, como a utilização do marcador discursivo de continuidade “*aí*” em situações informais, muito produtivo na oralidade e presente em toda narrativa da colaboradora Ellen, no excerto 06. A falta de monitoramento da fala também se revelou na organização sintática, que não privilegiou concordância normativa entre verbo e sujeito, na linha 549 (Excerto 06), no trecho: “/.../ É aqueles cursos de três meses”.

Além disso, observamos que, nas ocorrências de gírias presentes nos excertos 04 e 05, elas também são utilizadas como marcadores conversacionais introdutórios do discurso.

No excerto 06, o termo *cacete* (linha 543) é utilizado como intensificador. No entanto, a presença de uma das pesquisadoras e a formalidade contextual do ambiente acadêmico conduziram a colaboradora à retratação. Como o objetivo investigativo centrava-se na interação espontânea, uma das

pesquisadoras procurou deixá-la à vontade, reforçando que podiam se expressar daquela maneira.

As gírias parecem muito definidoras do estilo coloquial; porém, Pretti (2006, p. 241) lembra que

as restrições do emprego das gírias em muitas situações de comunicação oral vêm comprovar uma atitude linguística de rejeição, por parte de quem fala ou escreve, o que torna a gíria um vocabulário marcado, cujo uso enfrenta preconceitos na sociedade. (PRETTI, 2006, p. 241)

Isso pôde ser constatado na atitude da colaboradora Ellen, quando se desculpou por usar o termo *cacete* (linha 543). O ato de se desculpar revela-nos que ela julgou o vocábulo inadequado ou pouco polido para o contexto de interação. A presença de uma de suas professoras do curso intimidou essa aluna a ponto de ela interromper o relato para se desculpar. Por essa razão, percebemos que, por mais que as alunas estivessem envolvidas em uma conversa cuja temática fosse informal, o contexto acadêmico fez com que monitorassem seu estilo de fala.

Esses traços linguísticos revelam intimidade e identificação entre as interagentes, ou seja, ainda que as colaboradoras monitorassem a fala por estarem diante das pesquisadoras – em contexto mais próximo à formalidade –, foi possível observar traços de coloquialidade que apontam para uma escolha linguística comum a todas.

Do mesmo modo, o termo *merda* (linhas 550 e 551, excerto 06) é utilizado como um xingamento referente à suposta inveja de uma vizinha, em razão de a colaboradora ter sido aprovada no processo seletivo para a Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Brasília. Já a expressão *caramba*, na linha 553, excerto 06, também constitui um marcador conversacional que objetiva dar ênfase ao discurso.

Excerto 07

571 **Ellen:** /.../ e ainda às vezes ainda, assim **tira/tira onda** com a gente.

No excerto 07, a expressão *tirar onda* tem o sentido de criticar. A colaboradora de pesquisa, neste relato, utiliza essa expressão para indicar as ações de depreciação por sua formação acadêmica, realizada por seus conhecidos que estudam em instituições privadas de ensino superior, antes de saberem que ela estuda numa instituição pública.

Encontramos, desse modo, nesse grupo focal, poucos registros de gírias, uma vez que, em quase uma hora de intera-

ção gravada, registramos a escolha de apenas sete vocábulos entendidos como tal.

A escolha de expressões religiosas

Foram encontradas ocorrências de expressões de caráter religioso. Todavia, em alguns casos, eles parecem muito mais marcadores conversacionais que expressam surpresa ou indignação. Em outros casos, eles marcam discurso de agradecimento, de gratidão e de otimismo diante dos fatos narrados. A terceira acepção dessas expressões relaciona-se a um discurso religioso bastante encontrado na fala da colaboradora Sirlene.

Sendo assim, a ocorrência dessas expressões pode ser dividida em três tipos de ocorrências.

O uso de expressões religiosas manifestou-se, nessa interação gravada, como traço de estilo coloquial. A escolha lexical por vocábulos como *Deus*, *graças*, *glória* nem sempre remete de forma direta à religiosidade das colaboradoras. Percebemos que apenas a colaboradora Sirlene fez escolha lexical desses termos para se referir à sua crença religiosa, relacionada à identificação dessa colaboradora com o protestantismo.

As outras colaboradoras, no entanto, utilizaram esse léxico apenas como marcadores conversacionais ou como forma de gratidão por alguma coisa boa que ocorreu na vida delas (*graças a Deus*), ou ainda para relatar atitudes otimistas (*se Deus quiser*), sem demonstrar filiação a determinada crença religiosa.

Os clíticos de objeto

Foram retirados alguns exemplos do uso do clítico na fala das colaboradoras de pesquisa, conforme seguem:

- A. Chega a **se** sentir inferior.(linha 238)
- B. Como você pretende **se** realizar /.../ (linha 253)
- C. Chegou pra mim e disse que queria **se** separar. (linha 458)
- D. /.../meu sonho de estudar, de **me** realizar. (linha 475)
- E. A vida toda eu **me** dediquei e, agora que eu estou precisando, por que não ele **me** apoiar? (linhas 501-502)
- F. A pessoa mais próxima de você é que **te** faz você passar por momento difícil (linhas 67-68)
- G. Ninguém toma, ninguém **te** toma. (linha 100)
- H. Que **te** dá suporte (linha 186)
- I. /.../eu acho que o que mais **me** mantém aqui e o que **me** dá mais força pra continuar ao lado do meu esposo. (linhas 410-411)

Tabela 01 – distribuição das ocorrências de expressões de caráter religioso

| MARCADORES CONVERSACIONAIS | AGRADECIMENTO/ GRATIDÃO/OTIMISMO | DISCURSO RELIGIOSO |
|--|---|---|
| No::ssa senhora a pia tá cheia. (linha 217) | /.../ graças a Deus meu filho tão/ então assim, eu não tive, eu não tenho tanto problema assim de (linhas 184-185) | /.../ Glória a Deus eu entrei numa faculdade renomada... glória a Deus , né (linhas 94-95) |
| /.../ escoteira, é mãe, é ESPOSA ((risos)), é estudante, é trabalhadora, meu Deus do céu . Eu vou enlouquecer. (linhas 234-235) | /.../ Por mais que seja, no futuro a gente vai ter um retorno, né () e acho que a gente nem vai querer parar. Eu vou continuar assim, se Deus quiser (linhas 243-244) | Tenho, tenho apoio da minha filha mais velha e tenho apoio do meu pastor. Ele sempre fala pra mim, ele sempre tá me ligando direto, não tem uma semana que ele não me liga. “Não é pra desistir, não para, você NÃO vai desistir. Quem colocou você aí foi Deus . (linhas 83-86) |
| /.../ Meus Deus , como assim? Ele é mais novo que eu e tá me ensinando, tá corrigindo meus trabalhos e tal, mas... (linhas 303-304) | /.../ graças a Deus ele é um menino legal, né (linha 183) | E, assim, ele passou dez anos chegando em casa três quatro horas da madrugada. Tinha vez que ele ((chorando)) passava três dias fora e... e, assim, a gente superou isso, né porque ele parou com isso. Glória a Deus , hoje ele é evangélico (linhas 471-473) |

A respeito do uso dos clíticos de objeto, listamos as principais ocorrências de utilização dos clíticos <se>, <me> e <te> (letra A a I). Conforme expõem Vieira & Freire (2014, p. 89), “na fala culta, o clítico está entre as variantes menos significativas na indeterminação do argumento externo”. O uso dos clíticos nas ocorrências apresentadas, expressa, portanto, a necessidade de as interagentes sempre se referirem a um argumento externo determinado pelo texto ou pelo contexto situacional.

Trata-se, portanto, de uma característica do estilo coloquial adotado pelas participantes do grupo focal, que indica como os interagentes fazem, a todo momento, referências a pessoas fora do discurso, principalmente no *relato pessoal*, gênero discursivo que predominou neste grupo focal. Além disso, os clíticos também se referem às colegas presentes naquela interação (letras F, G e H), como forma de chamar a atenção das interagentes ao inseri-las como testemunhas das situações familiares relatadas durante o encontro.

Duplicação do sujeito

Percebemos, nas ocorrências que se seguem, a presença de pronomes nominativos (CASTILHO, 2010, p. 283) que formam o sujeito duplicado.

- /.../ muitas vezes a minha filha **ela** relata /.../ (linha 129)
- A esposa do meu sogro **ela** faz ciências naturais em Planaltina, na UnB – Planaltina. (linhas 618-619)
- A minha professora de Linguística **ela** é mestranda, doutoranda, fonética e fonologia...
- /.../meu marido **ele, é:: ele** ajuda em termos. (linhas 200-201)

Percebemos que a duplicação do sujeito ocorreu com o objetivo de as colaboradoras destacarem-no como objeto de posse do interlocutor. Notamos, inclusive, que todas as ocorrências de duplicação do sujeito, expostas no grupo focal gravado, vêm acompanhadas por pronomes possessivos (*minha, meu*). Para Castilho (2010, p. 504), “o possessivo é um operador dêitico que seleciona dois escopos, sendo um textual, referencial, e outro contextual, que são as pessoas do discurso”.

Portanto, a duplicação do sujeito veio precedida pelo uso de possessivo como forma de retomar as pessoas citadas no discurso (filha, esposa do sogro, professora e marido), e o uso dos pronomes de 3ª pessoa <ele> e <ela> reforça essa retomada por constituírem dêiticos de pessoa.

A inserção de falas de terceiros na construção de narrativas

Observa-se que as participantes do grupo focal, ao narrarem fatos relacionados ao tema da conversa que estavam tendo, utilizaram constantemente o discurso das pessoas a quem elas se referiam. Nota-se tanto a introdução de discurso direto com verbos elocutórios (Excerto 08), quanto a introdução sem a presença desses verbos (Excerto 09).

O assunto proposto para discussão durante o grupo focal centrava-se na temática familiar; por isso, outras pessoas estavam envolvidas nos relatos de experiência das colaboradoras. Sendo assim, foi muito constante a inserção do discurso de filhos, de esposos, de amigos e de outras pessoas envolvidas nos relatos narrados pelas participantes.

Excerto 08

128 E o que dói no coração de uma mãe é saber que o seu filho tá
129 solitário, entendeu? Que passou por dificuldade ou, assim,
130 muitas vezes a minha filha ela **relata**: “É, tinha dia que eu
me sentia sozinha”

Excerto 09

71 É ele chegar “**cadê minha roupa? Cadê meu tênis?**”, por-
72 que lá eu lavo, faço tudo, lavo tênis, faço tudo, tudo, tudo
73 que você imaginar eu faço. E aí é uma, assim uma cobrança
geral. “**Ah, mãe, mas antes você fazia bolo e agora você
não faz**”.

Consoante Briz (2000, p. 16):

Una de las constantes estructurales de la conversación coloquial es la presencia de las secuencias de historia y especialmente del relato dramatizado. Estas historias sirven no sólo para animar y provocar el interés en la negociación que se lleva a cabo, sino que en muchos casos actúan de verdaderos soportes argumentativos del que habla y de lo enunciado por este. En ambos sentidos, se entiende que el recurso intensificador sea frecuente en tales relatos. (BRIZ, 2000, p.16)

O uso do discurso direto ocorreu diversas vezes durante a gravação do grupo focal. Isso se justifica pela necessidade de marcar a veracidade nos relatos das participantes e pode ser comparado ao que Briz (2000) nomeia de “relato dramatizado”. Inserir o discurso do outro é uma forma de se aproximar do que realmente fora dito no acontecimento narrado, provocando interesse nos outros interagentes e servindo como reforçador de veracidade dos fatos relatados.

Portanto, a *polifonia do relato* (BRIZ, 2000, p. 16) na construção das narrativas é um recurso argumentativo muito produtivo em situações de narração, pois intensifica o caráter verídico da história narrada. Desse modo, a marca discursiva em análise constitui uma das características da fala coloquial.

Ademais, Marcuschi (2007, p. 146) destaca também o caráter ideológico presente no discurso relatado, pois esse recurso discursivo apresenta interpretação e avaliação de opiniões alheias, o que pode ser observado nos excertos 08 e 09, pois as colaboradoras, ao mesmo tempo em que relatam, também interpretam e avaliam seus familiares. No excerto 08, a colaboradora emite a avaliação da dor materna pela solidão ou dificuldade dos filhos; no excerto 09, podemos perceber o jul-

gamento implícito da colaboradora ao relatar que faz todos os serviços domésticos (linha 72), mas ainda não é suficiente, já que é cobrada por não dispor de tempo para fazer bolo (linha 73).

Estratégias de envolvimento dos interagentes no discurso

Outro traço que marcou o estilo coloquial no contexto analisado foi o uso do pronome *você* como estratégia de aproximação entre quem detinha o turno conversacional e os demais participantes. No trecho abaixo (Excerto 10), há trechos da interação que demonstram isso.

Excerto 10

105 **Sirlene**: /.../ Quando eu chego em casa é muita co-
106 brança. Tem dia que não dá pra **você** estudar, não dá
107 para **você** fazer suas tarefa. /.../ **Você** procura um can-
108 to pra **você** ler e não tem /.../ E assim, **você** tem que
109 parar pra **você** dar atenção. Porque, se **você** não parar
110 pra dar atenção, aí já vai falar: “não, que agora **você**
111 não tá dando atenção”.
112 /.../ Porque agora **você** só pensa nos seus estudos.
Você é egoísta, **você** só pensa em **você**. Então **você**
tem que se desdobrar. Tem, assim, que conciliar mes-
mo... tem que ser **uma guerreira** para poder conciliar
os estudos com os filhos...

Na perspectiva de Tannen (1985, p. 133-137), as estratégias verbais e não verbais criadas pelos interagentes, a exemplo das repetições, do riso, dos movimentos e das sobreposições de fala, a fim de cooperar uns com os outros, constituem estratégias de envolvimento dos interagentes no contexto de interação.

Por essa razão, o uso do pronome *você* repetidas vezes corresponde a uma estratégia de envolvimento conversacional, uma vez que a colaboradora sente a necessidade de inserir em seu relato pessoal as demais colegas, pois a realidade exposta por ela era comum às outras colaboradoras, que, durante toda a duração do turno conversacional, revelaram identificação com a situação da aluna Sirlene e ratificaram, por meio de sobreposições (ver no Excerto 01 a sobreposição da aluna Ellen) e de expressões faciais, a concordância com o que a colaboradora estava relatando.

O pronome *você* marca, portanto, a posição da colaboradora na situação narrada de conflito com o marido e com os

filhos. Esse discurso nos apresenta a pressuposição de que esta é uma situação vivenciada, na maioria dos casos, pelas demais interagentes. Logo, por meio do *você*, a aluna consegue fazer referência a si mesma e incluir as outras colegas na prática e na identificação descrita.

CONCLUSÃO

Encontramos, durante a interação gravada, vários traços que sinalizam o estilo coloquial na fala das alunas do curso de Letras. No começo da gravação, as participantes tentaram monitorar o estilo de fala como forma de aproximá-lo mais do estilo formal e do uso da norma culta muito comum em contextos acadêmicos. Como as colaboradoras são alunas do curso de Letras, ficaram mais preocupadas com o que falar e como se portar diante da câmera no início da discussão proposta.

Todavia, no decorrer da gravação, elas ficaram mais à vontade, a ponto de relatar situações de vida pessoal e de começar a encarar o grupo focal como espaço para compartilhar os problemas e os desafios pelos quais estão passando em razão dos diversos papéis sociais que ocupam: papel de mães, de alunas e de donas de casa.

Nos níveis sintático-semântico-pragmático, a anáfora esquemática ou indireta é utilizada como recurso contextual no qual há a possibilidade de realização de inferências. O uso dos clíticos acusativos é pouco produtivo na fala das participantes, ao passo que os clíticos de objeto (*me, te, se*) aparecem com mais frequência. Porém, a maior produtividade ocorre no uso do *você*, que serve como estratégia de indeterminação do sujeito e de construção de anáfora indireta. Percebemos, também, o uso do pronome *você* e sua repetição constante como estratégia de envolvimento conversacional entre as interagentes.

Além disso, houve muita produtividade na duplicação do sujeito em construções formadas por *possessivo + sujeito duplicado por pronome pessoal*, sendo o possessivo e o pronome pessoal operadores dêiticos.

Em relação às marcas lexicais, observamos o uso de gírias e de expressões de caráter religioso. As gírias constituem marcas sinalizadoras de estilo coloquial muito estudadas em pesquisas linguísticas. Nesta pesquisa-piloto, elas não são tão produtivas, pois as colaboradoras tentam se monitorar para não as usar, mas, no momento em que as usam, provocam risos nas demais participantes, ou tentam se retratar com as pesquisadoras, por entenderem que estão em contexto de formalidade (Excertos 03 a 06). Assim, mesmo que em toda a interação gravada, houvesse poucas escolhas lexicais por gírias, percebemos que, nos poucos momentos em que elas foram utilizadas, ocorria maior

interação entre as colaboradoras – o que indica serem as gírias mais uma estratégia de envolvimento conversacional.

As expressões de caráter religioso foram produtivas, e foi necessário classificá-las pelo sentido que expressaram em cada ocorrência. Elas podem funcionar como marcadores conversacionais que expressam surpresa e indignação. Podem também marcar discurso de agradecimento, gratidão e otimismo referente aos fatos narrados. Além disso, essas expressões também marcaram discurso religioso.

A inserção da fala de terceiros na construção das narrativas é muito recorrente e, além de ser um recurso para chamar a atenção dos interagentes como modo de manutenção do turno conversacional, funciona também como suporte argumentativo que objetiva intensificar o grau de veracidade dos fatos relatados.

Finalmente, precisamos deixar claro que as marcas do estilo coloquial detectadas e analisadas neste trabalho constituem um recorte da ampla análise acerca dessa temática, sendo este trabalho-piloto uma contribuição para os estudos sociointeracionais acerca da coloquialidade. As marcas coloquiais que apresentamos dizem respeito tão somente ao contexto do grupo focal realizado com as estudantes do curso de Letras do Instituto Federal de Brasília – IFB, uma vez que realizamos uma pesquisa contextualmente situada, com orientações metodológicas advindas da etnografia.

REFERÊNCIAS

- BARBOUR, R. **Grupos Focais**. Coleção Pesquisa Qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BAUER, M. W; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRIZ, A. El análisis de un texto coloquial. In: BRIZ, A. **¿Cómo se comenta un texto Coloquial?** Barcelona: Ariel, 2000. p. 29-48.
- BROWN, P; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CASTILHO, A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

FÁVERO, L. L. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.

GÍVON, T. **A compreensão da Gramática**. São Paulo: Cortez, 2012. Trad. Maria Angélica Furtado Cunha; Mário Eduardo Martelotta e Filipe Albani.

GOFFMAN, E. The Neglected Situation. *American Anthropologist*, 66, 1964, p. 133-166. In: RIBEIRO, B & GARCEZ, P (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. Trad. Pedro M. Garcez. São Paulo: Loyola, 2002.

GONDIM, S. M. G. **Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa**: desafios metodológicos. In: *Paidéia*, 2003,12(24), 149-161.

GUMPERZ, J. **Discourse strategies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a.

_____. **Language and Social Identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982b.

KOCH, I. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2011.

LEHMANN, C. **Thoughts on grammaticalization**. A programmatic sketch. Köln: Arbeiten des Kolner universalien Projekts, [1982] 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Anáfora Indireta**: o Barco Textual e suas Âncoras. *Revista Letras*, Curitiba, n. 56, p. 217-258. jul./dez. 2001. Editora da UFPR, 2001.

_____. Referenciação e Cognição: o caso da anáfora sem antecedente. In: PRETTI, D. (Org). **Fala e Escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2006. Vol. 04. p. 191-240.

_____. **Análise da Conversação**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research**. Qualitative Research Methods Series. 16. London: Sage Publications, 1977.

PRETTI, D. A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social. In: PRETTI, D. (Org). **Fala e Escrita em questão**. São Paulo: Humanitas, 2006. v. 4. p. 241-257.
SOUSA, V. V. **Os (Des)caminhos do você**: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome

você. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2008.

TANNEN, D. Relative Focus on Involvement in Oral and Written Discourse. In: OLSON, D., TORRANCE, N. & HILDYARD, A. **Literacy, Language and Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. pp. 124-147.

URBANO, H. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.

VIEIRA, S. R & FREIRE, G. C. Variação Morfosintática e Ensino de Português. In: MARTINS, M. A; VIEIRA, S. R; TAVARES, M. A. (Orgs.) **Ensino do Português e Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. pp. 115-132.

CURRÍCULOS

* Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. É professora de Língua Portuguesa do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Brasília – IFB, *Campus* Gama. Realiza pesquisas nas seguintes áreas: estudos interacionais, estilo de fala, identidade, sociocognição, produção e compreensão textual por meio dos estudos de processos inferenciais.

** Possui graduação em Letras – Português do Brasil pela Universidade de Brasília (1999), mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (2009) e doutorado (em andamento) pela Universidade de Brasília (2014). Atualmente é professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal e tem vínculo de colaboradora na Editora Cespe Administradora e Consultoria.